**ONDE A EDUCAÇÃO SOCIAL PODE SER ENCONTRADA? – ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA DOS ESPAÇOS NÃO ESCOLARES DE DESENVOLVIMENTOS SOCIOEDUCATIVOS**

**Introdução**

O presente trabalho é parte da fundamentação teórica desenvolvida durante as discussões e conversas dos grupos de Estudo, Pesquisa e Extensão Fora de Sala de Aula e Sexta Básica da FFP/UERJ – São Gonçalo – RJ. Os grupos em questão analisam a partir da ótica da Pedagogia Social (PS) como a Educação Social (ES) transcorre os limites da educação escolar e não escolar. Ela se baseia na troca de conhecimentos e experiências entre os indivíduos, indo além das salas de aula. Nessa perspectiva, é possível inferir que a ES está presente nos equipamentos culturais, na rua e ambientes virtuais, ou seja, em diferentes espaços e tempos distintos.

**Desenvolvimento**

A Pedagogia Social é a forma de levar a reflexão aos diferentes grupos sociais, mesmo sendo uma teoria, ela parte de situações concretas vivenciadas socialmente. A Educação Social preenche as lacunas deixadas pelo Estado a partir da ausência dos direitos básicos dos cidadãos. Ferreira (2012, p. 87) ressalta que “educar é um processo que envolve vários fatores sociais”, e um desses fatores contempla a sociedade civil, quando esta percebe a importância de organizar-se através de práticas socioeducativas para ofertar ações que são fundamentais para o desenvolvimento pleno dos sujeitos, isto é, “uma participação diversificada da sociedade sobre os problemas sociais dos seus grupos menos favorecidos” (FERREIRA, 2012, p. 67).

A aprendizagem pode acontecer em ambientes e experiências que nem sempre foram programados para o ensino, nessa perspectiva, a educação pode ser considerada, escolar ou não escolar. A educação escolar é aquela desenvolvida dentro dos contextos escolares regida por normas governamentais que seguem um currículo estabelecido por lei. Já a educação não escolar ocorre fora dos sistemas educacionais convencionais, na maioria das vezes atende as demandas específicas da comunidade. Como descreve Ferreira, Sirino e Mora (2020, p. 590) a educação não escolar propõe “processos educativos e que são, profundamente, importantes para que novas oportunidades formativas sejam ofertadas”.

Nesse sentido, é necessário compreender que a ES e PS são indissociáveis. Entretanto, esses termos possuem significados distintos, uma vez que

a Pedagogia Social emerge, no Brasil, como uma ciência que oferece as bases metodológicas e teóricas para a Educação Social. A Educação Social, por sua vez, constitui-se em uma dimensão prática onde acontece a aplicação das técnicas, metodologias e dinâmicas geradas no diálogo com a Pedagogia Social. Se uma se associa à teoria, a outra se associa à prática (CALIMAN, 2011, p. 493-494).

Conforme salienta o autor, a PS se destaca por sua característica dialógica, pois valoriza a participação dos indivíduos no processo educativo, contribui para ação-reflexão sobre a realidade concreta e na transformação social. Para Ferreira (2019), a importância do estudo da PS nos processos formativos se dá através do entendimento que a educação é um processo contínuo de interação e construção coletiva de saberes.

A partir disso, a ES pode ser percebida em diversos espaços em que existe uma intencionalidade educativa, já que “para aprender, seja qual for o lugar ou o tempo de aprender, é necessário que, antes de tudo, nos deixemos ensinar, mesmo que isso nos implique dificuldades e inquietações” (BAPTISTA, 2005, p. 115), os lugares para o desenvolvimento da aprendizagem são múltiplos, assim, a educação seja ela escolar ou não escolar precisa acontecer de forma colaborativa e fazer sentido para os sujeitos.

Nessa perspectiva, pretende-se destacar alguns dos diversos espaços não escolares de aprendizagem, tais como os *equipamentos culturais*, a *rua* e a *Educação a Distância (EAD)*, que reverberam com a ES como campo prático dialógico, formativo e emancipatório. Sob essa ótica, os *equipamentos culturais* devem valorizar as “identidades individuais ou de grupos específicos (da autoestima singular e do empoderamento de grupos que sofrem exclusões de todos os tipos) e a valorização de uma comunidade ou de uma determinada cultura” (OTERO et al., 2016, p. 80), eles representam espaços de aprendizagem ativa e engajamento social. Ao integrar à ES em suas práticas educativas, esses locais se tornam agentes de transformação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática. As experiências culturais e educativas nesses espaços popularizam o acesso à cultura e promovem a aprendizagem dos sujeitos “sem acesso a equipamentos culturais a população pode não desenvolver hábitos, valores, atitudes na relação com a cultura, nem é capaz de construir o olhar crítico sobre as produções artísticas visuais” (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p. 41). Assim, esses espaços tornam-se necessários para estimular o aprendizado, a reflexão crítica e a interação entre os indivíduos.

 A *rua*, outro espaço de atuação da ES, é um dos locais comumente destinado aos excluídos, os quais a tornam lugar de sobrevivência e resistência, mesmo diante de circunstâncias de opressão, negação direta de direitos humanos e ações de desumanização dos sujeitos numa lógica de higienização (cf. BERNARDO, 2018). No entanto, em oposição à hostilidade, é possível encontrar hospitalidade na rua (cf. BAPTISTA, 2008), lugar marcado por decisões de comprometimento entre os envolvidos na prática socioeducativa, uma vez que os lugares de hospitalidade estão para além da dimensão material, estando intrinsecamente ligados à ideia de pertenças, permissões e (re)construções conjuntas no processo de acolhimento diante da prática, como aponta Silva (2020). Nessa perspectiva, urge enxergar a rua como lugar pedagógico, mas sem esquecer de seu caráter de marginalização e de violações dos direitos sociais desses indivíduos, uma vez que são pessoas que sofrem a dor da invisibilidade, ansiando por um afeto que legitime sua *voz* e *ouça* suas demandas mais básicas (cf. LOPES; PEREIRA; SILVA; FERREIRA, 2021, p. 121), necessitando, portanto, que as práticas socioeducativas desenvolvidas nesse espaço visem ao desenvolvimento e à emancipação dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social (cf. GRACIANI, 2001).

Embora a *Educação a Distância (EAD)* tenha características da educação escolar, também pode ser pensada como um espaço de educação não escolar, uma vez que atende a uma demanda de exclusão de sujeitos que não tiveram oportunidade de estudar presencialmente no tempo e espaços convencionais. Sendo ela ofertada no ambiente virtual, pode se dizer que configura-se como um “não-lugar” (cf. AUGÉ, 2008), em outras palavras, a EAD não é um lugar concreto, mas um local simbólico no qual a interação entre os sujeitos acontece por meio das novas tecnologias, porém sem as limitações geográficas e temporais que podem ocorrer na educação convencional. Baptista (2005, p. 116) apresenta que “as novas tecnologias podem desempenhar um papel precioso na ampliação das possibilidades de acesso ao conhecimento”, pois permite que mais pessoas tenham acesso à educação em diferentes contextos e realidades, nessa perspectiva que a EAD torna-se um campo de atuação da ES tal como os equipamentos culturais e a rua, pois desenvolve práticas de transformação social, favorecendo a inclusão de pessoas que enfrentam barreiras de acesso à educação escolar.

Pretende-se neste ensaio demonstrar que os espaços não escolares auxiliam na compreensão ampliada da educação como um processo que deve ser pensado no sujeito em todas as suas especificidades, independente das suas condições ou circunstâncias. Esses espaços precisam ter uma intencionalidade social, que sejam norteados por princípios pedagógicos que valorizem a participação ativa dos indivíduos, a promoção da autonomia e a construção coletiva do conhecimento.

**Considerações finais**

Os diálogos propostos neste trabalho não esgotam as discussões sobre o desenvolvimento socioeducativo nos espaços não escolares, fazendo-se relevante pensar a Educação Social como prática da Pedagogia Social e, assim, garantir que esses diferentes espaços cumpram o seu papel para os grupos sociais mais vulneráveis. Dessa forma, a PS é uma teoria importante para entender que a ES busca por uma transformação das realidades sociais através do desenvolvimento integral do ser humano, num movimento que parte das desigualdades sociais e propõe a aprendizagem através das ações socioeducativas em diferentes espaços não escolares, como os *equipamentos culturais*, a *rua* e a *EAD,* os quais são marcados por *relações intrinsecamente educativas* (FERREIRA, 2019, p. 14), promovendo uma ação formativa para ambos os envolvidos dialogandodiretamente com uma perspectiva de educação democrática e transformadora.

**Referências**

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte.** São Paulo: Thomson Learning, 2006.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Tradução Maria Lúcia Pereira. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus. 2008.

BAPTISTA, Isabel. **Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético.** Porto: Profedições, 2005.

BAPTISTA, Isabel. **Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares**. Revista Hospitalidade. São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul.- dez. 2008.

BERNARDO, Lara Cristina Veiga. **População em situação de rua, religião e Pedagogia Social em Niterói**. In: FERREIRA, Arthur Vianna (org.). Dentro ou fora da sala de aula? O lugar da Pedagogia Social. Curitiba: CRV, 2018.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia Social no Brasil: evolução e perspectivas.** Orientamenti Pedagogici Vol. 58, n. 3, luglio-agosto-settembre, 2011 (pp. 485-503)

FERREIRA, Arthur Vianna. **Representações Sociais e identidade profissional: Elementos das práticas educativas com os pobres.** Rio de Janeiro: Letras Capital, 2012.

FERREIRA, Arthur Vianna. **LIBERTANDO A DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR: os espaços não escolares como local da formação docente ampliada inicial e continuada**. In: FERREIRA, Arthur Vianna (org.). Conviver também é educar. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

LOPES, Lucas Salgueiro; PEREIRA, Débora Simeão Ortman; SILVA, Filipi José da; FERREIRA, Arthur Vianna. **Hospitalidade e Convivência como Práticas Educativas para populações em situação de rua no Leste Fluminense**. Revista Signos, *[S. l.]*, v. 42, n. 1, 2021.

NEGRÃO, Felipe da Costa; RAMOS, Érika. da Silva **O Uso de Espaços Não Formais na Formação de Novos Professores: Experiências e vivências.** In: I Seminário On-line de Estudos Interdisciplinares - On-line, 2020. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/iseminarioonlinedeestudosinterdisciplinares/trabalho/142196>. Acesso em: 08 mai. 2024.

OTERO, Martina R.; AIDAR, Gabriela; CHIOVATTO, Milene; AMARO, Danielle R. **Ser cultural: pesquisa avaliativa sobre o curso “Ações multiplicadoras: o museu e a inclusão sociocultural"**. In: AIDAR, Gabriela; CHIOVATTO, Milene; AMARO, Danielle R. (Coord. editorial). Entre a ação cultural e a social: museu e educadores em formação. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2016.

SILVA, Filipi José da. **Oi, quer um lanche? – “Eu” e o “Outro” Nas ruas de Niterói-RJ A partir da ótica da hospitalidade**. In: FERREIRA, Arthur Vianna; LOPES, Lucas Salgueiro; DIAS, Thiago Simeão (orgs.). Educação, hospitalidade e pobreza. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2020.